

O SEXO FEMININO

SEMANARIO DEDICADO AOS INTERESSES DA MULHER

Assignatura para côrte		E' pelo intermedio da mulher que a natureza escreve no coração do homem. AIMÉ MARTIN.	Assignatura para provincias	
POR ANNO.....	10\$000		POR ANNO ..	12\$ 00
POR SEMESTRE.....	5\$000		POR SEMESTRE.....	6\$000
POR TRIMESTRE.....	3\$000	POR TRIMESTRE.....	3\$500	

Toda correspondencia será dirigida á redactora D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz, rua do Lavradio n. 45, sobrado, ou rua dos Ourives n. 9.

Se quereis que os homens sejam sabios e justos, ensinaí á mulher o que é sabedoria e virtude.

As pessoas que assignarem conjunctamente o *Sexo Feminino* e a *Saison*, jornal de modas, propriedade dos Srs. Lombaeris & C., obterão esta dupla assignatura por 20\$000 annuaes. Rua dos Ourives n. 7.

Anno II

Rio de Janeiro, 12 de Dezembro de 1875

N. 17

O SEXO FEMININO

Não ha assumpto que não se possa tratar com graça, e nenhuma noção moral pôde ser recebida com satisfação si o modo de explical-a é fastidioso.

Quando uma obra trata com precisão, lacinismo e graça, de um assumpto interessante, é logo aceita pelo publico e lida com prazer.

Temos, pois, em vista, em nosso jornal guardar o mais possivel estes preceitos, para conseguir que sejam suas paginas lidas com attenção e boa vontade. Sabemos que as obras que mais influencia tiveram sobre os bons costumes foram todas d'uma fôrma agradável e interessante, e pois, nosso empenho é seguir seus passos na redacção deste hebdamadorio.

Como dissemos, elle é exclusivamente dedicado ao nosso sexo O proveitoso passatempo que podem nossas leitoras colher da leitura do nosso jornal é palpavel, e portanto nosso triumpho será completo. Sabe-se por experiencia, que as senhoras que se occupam mais com sua toilette, tem mais depressa um jornal do que um livro.

FOLHETIM DO SEXO FEMININO

MATHILDE E EDUARDO

Romance moral

POR D***

(Continuação do n. 16.)

Uma tarde abri a minha janella, e dei-lhe a liberdade. Depois de tel-o assim sacrificado, a pezar meu, tive saudades d'elle.

Disso eu me envergonhava; mas procurando persuadir-me que o amava por elle mesmo levantei-me no meio da noite, abri a minha janella, chamei-o mil vezes; foi de balde, não voltou, passei o resto da noite a chorar por elle, e no dia seguinte ao amanhecer desci ao jardim. Sentei-me, e chorava, quando de repente ouvi uma pequena voz... queixosa pronunciar docemente o nome de Eduardo... Imaginem qual foi o meu sobresalto!... Eis ali Eduardo, o unico impulso de alegria que experimentei na vossa ausencia!... Eu achei o meu pobre canario sobre uma roseira; tinha padecido; estava tremulo, espantado, e a roseira coberta de pennas que tinha perdido. Peguei nelle, tratei-o, e me resolvi a conserval-o até o instante em que me contasse o vosso matrimonio.

Eu estava bem resolvida a nunca tornar-vos a ver;

Logo temos certeza que tiram vantagem da leitura deste.

Queremos para esta meta dirigir ás nossas leitoras, e pois, procuramos attrahir sua attenção para a maravilhosa idéa — Liberdade — emancipação racional da mulher etc. A principal proposição que temos apresentado é que a mulher pôde muito a vontade, e com as poucas forças physicas de que disp e, adquerir meios de obter o necessario á subsistencia e mesmo até fortuna, obtida pela instrucção, e com ella o trabalho.

Nunca na historia do mundo, o homem com o governo que tem conquistado sobre as forças naturaes, pôde proauzir tanto, com certa porção dada de esforços, como na época actual. Na fabricação de calçado por exemplo, tres homens hoje pôdem fazer com o auxilio do machinismo, o que só seis poderiam executar ha 15 annos. De todo o progresso material podemos tirar uma lição proveitosa para nosso assumpto e com judiciousa applicação. Muito se tem fallado na necessidade de braços em nosso paiz. E' verdade que temos na actualidade, soffrido muito, com

mas ao mesmo tempo renunciava a outro casamento, qualquer que fosse, e no intimo d'alma não podia persuadir-me que fosseis capaz de contrahir outro.

Não concederei perdão algum, serei inflexivel. Tães foram as razões que dei a mim mesma para autorisar-me a conservar o meu querido passarinho.

Fiquei seis mezes em casa da minha amiga. Neste intervallo, o indigno confidente que tinha escolhido, propoz-me casar commigo. Então fez-se me muito suspeito.

Declarei-lhe que não o veria mais. Para vingar-se, disse-me que manchariam a minha reputação; que a pessoa em cuja casa eu estava tinha perdido a sua, e que accusavam-me de amar a seu irmão. Eu não considerei uns avisos tão tardios senão como calumnias.

Com tudo examinei com attenção o procedimento de minha amiga, e logo principiaram os meus olhos a abrir-se.

Tomei a resolução de voltar á Tália, para o convento, que tão imprudentemente tinha deixado. As religiosas prevenidas contra mim, não quizeram receber-me. Humilhada, atrelaçoda, abandonada, e apadrihada só da minha innocencia, vim para esta terra pedir conselhos ao meu tutor. A minha intenção era rogar-lhe sómente conceder-me um asylo, porque a deceñcia não me permitia morar com um homem solteiro; fui porém mais feliz do que tinha esperado.

Aqui chegando achei meu tutor prestes a partir para uma viagem de dous mezes; apresentou-me á uma seuhora sua parenta, que passou por grandes desgraças, e que está retirada nesta casa por alguns mezes. Mma. de Rocher (este é o seu nome) parece-me tão amavel como virtuosa. Contou-me a sua historia, que faria o assumpto da Novella a mais interessante, e espero habitar esta casa emquanto ella aqui estiver.

(Continúa.)

essa falta, mas, dizemos, não será melhor antes procurar educar o povo, facilitar o trabalho, pelos meios industriosos, do que mandar vir de fóra estrangeiros? Não pôde o governo aproveitar centenas de senhoras, educadas, para reger as aulas elementares do imperio, na instrução primaria ao menos? E os homens serem aproveitados em dirigir os diversos machinismos apropriados à lavoura e outras industrias?

Primeiramente procurem educar as creanças, que depois solverão todas as difficuldades que nos affligem na actualidade. Ha um numero immenso de creanças que já podem proporcionar ao paiz, meios de superar as difficuldades que o affectam. Porém, estes entes fracos só servem para no porvir sobrecarregal-o de despesas com prisões, guardas, etc., e isto porque o governo não cura em tempo, de sua educação.

Convem, com effeito, não confundir a instrução com a educação; e o grande elemento de superioridade que exalta o ensino das mulheres na instrução primaria, é que na cadeira das aulas elementares, distribue-se ao mesmo tempo, instrução e educação.

O professor primario, pelo contrario, subindo à respectiva cadeira, apenas instrue, não educa, e assim fazendo, não se pôde dizer propriamente que falta aos seus deveres obedece a um traço fatal de seu character masculino.

Além de outros, Rosseau, cujo nome pôde ser suspeito às mãis de familia, recommenda desde dous seculos, uma nova educação da mulher. A sua excellente obra, — *L'education des filles* — contem solidos preceitos; e comquanto hoje neste sentido, os postulados se achem collocados mais altos; contudo esse tratado encerra todos germens do desenvolvimento moderno, que se tem dado a esta these. Já se vê que a idéa não é nova.

Bem ao inverso d'isso, podem retrazar-se-lhe os vestigios desde a mais remota antiguidade, e na mesma occasião em que a França, amiga de theorias a commentava em seus escriptos, na Inglaterra, ella ia cada dia fazendo maiores acquisições praticas, como ainda na actualidade vemos que ella continúa a fazer quotidianamente entre os povos anglo-saxonicos.

Na realidade a educação e a sciencia de desenvolver conjuncta e proporcionalmente as faculdades physicas, intellectuaes e moraes; e ha ve ia no systema e educação nacional um vicio irreparavel, si para dar começo a essa grande obra de regeneração se preterisse a idade mais propria, isto é, a mais tenra meninice.

Nestes termos vê-se que a instrução meramente dita, está muito abaixo da educação, e não constitue senão um de seus ramos a saber, a educação intellectual.

Compare-se as obras de Mme. de Genli, Mme. Guizot, Mme. Necker; os tratados da educação de Monsenher Dupanloup, Barrau, Mme. Tostu e Pape Charpantier, etc.?

Mas o facto pratico impreterivel, e que a experiencia demonstra invensivelmente com resultados a que a estatistica dá uma voz de intima persuasão, é que a educação nas primeiras idades só pôde ser distribuida por senhoras.

Por isso, como já dissemos, é ver confirmada cada vez mais, nos paizes cultos sem excepção, instrução primaria está se tornando, com

immensa vantagem das populações, um monopolio das senhoras; o qual, quanto mais elevado é o grau de civilisação local, menos se lhe disputa reservante a palma.

Concluindo pedimos encarecidamente ao Exm. Sr. conselheiro Dr. José Bento da Cunha Figueiredo, muito digno ministro do imperio, que tendo em vista este desideratum, ordene que todas as cadeiras de ensino primario sejam com ensino promiscuo entregues às senhoras, que para esse fim apresentar-se-hão habilitadas. Que os professores actuaes passem a reger cadeiras de 2º grão, devendo receber sómente, meninos de 10 annos para cima, e de menores idades só os que provarem que sabem as materias constituintes do ensino primario. Advirta-se que mesmo as cadeiras de 2º grão só serão regidas por homens, quando não houver senhoras habilitadas para provel-as.

O mesmo Exm. Sr. ministro, dignar-se-ha crear, sem duvida, tambem aulas chamadas de pratica, onde se ensine as senhoras noveis no magisterio, o melhor modo de professionar ou antes o melhor modo de ensinar às creanças.

Achamos que com este desideratum acabar-se-ha com o inconveniente modo de andar uma moça, sósinha, sem aquelle respeito da companhia de seus pais, tão necessario este à uma tal idade, e isto, só para servir de adjunta 3 annos! Em fim, com tal sacrificio só para poder conseguir uma cadeira! As aulas praticas por tempo só de 1 anno effectivo servirão mais do que o triênio de adjunta. Esperamos pois, do illustrado e benemerito Exm. Sr. ministro esta necessaria reforma.

Deste modo acabar-se-ha com o escandaloso monopolio dos explicadores que por penosas contribuições explicam as disciplinas, necessarias aos exames, às pobres moças!... e às vezes quiça de sacrificios que de algum modo offusca-n-os!... A creação de escolas praticas é de absoluta necessidade, e longamente sentida. Nunca é demasiada qualquer despeza, quando esta futuramente pôde ser compensada.

Nas escolas praticas, de preparatorios, a directora só deve ensinar as preparandas a pôr em pratica o modo de ensino mais racional e compativel com as idades, condições e naturezas das creanças. Em fim, ensinal-as a ensinar, e a serem professoras.

Tomamos o trabalho de organizar um programma de ensino, que, endereçaremos à S. Ex. o Sr. ministro do imperio, que se por ventura não approval-o, ao menos honral-o-ha com sua egregia attenção.

Depois de submettido o mencionado programma à approvação de S. Ex., publical-o-hemos neste nosso hebdomadario, mostrando deste modo que trabalhamos sempre a bem de nossas conterraneas, ou melhor, da humanidade em geral.

(Continuaremos).

NOTICIARIO

O baptisado do principe.—Segundo fóra organizado no respectivo programma, procedeu-se no dia 2 do corrente na capella imperial a cerimonia solemne do baptismo de S. A.

Imperial o Sr. Príncipe do Grão Pará que receberam na pia os nomes de D. Pedro de Alcantara, Luiz Felipe, Maria, Gastão, Miguel, Raphael, Gonzaga.

O prestito imperial chegou a capella ás 11 horas, e immediatamente começou a cerimonia.

A concha aurea foi conduzida pelo moço fidalgo 1º tenente Miguel Ribeiro Lisboa, o sal pelo moço fidalgo coronel José Joaquim de Lima e Silva, o auto de baptismo pelo moço fidalgo Dr. Joaquim Pinto Netto Machado, e a toalha rica pelos moços fidalgos Drs. José Maria da Silva Paranhos e Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo.

Os moços fidalgos Dr. Manoel Jacintho Nogueira da Gama, Fernão Dias Paes Leme, Dr. José Tito Nabuco de Araujo, Antonio Corrêa Seára, Carlos Eugenio de Figueirôa Contreiras Nabuco de Araujo e Luiz Plinio de Oliveira, levavam em salvas de ouro, os dous primeiros, a corda de massapão; o terceiro e quarto veste candida, e os dous ultimos; o cirio lavrado e ornado de ouro com quatro peças de 10\$, cravadas em fórma de cruz.

S. A. o Príncipe recém-nascido ia nos braços da Sra. baroneza de Sant'Anna, dama de S. A. Imperial a Sra. D. Isabel.

Serviram de mordomo-mór o gentil homem barão de Itapagipe, e de porteiro o moço da imperial camara da guarda-roupa José Dias da Cruz Lima.

Pegavam nas varas do pallio, em baixo do qual iam os Augustos Padrinhos e a dama de S. A. Imperial com o Sr. Príncipe do Grão Pará nos braços, os Srs. visconde de Jaguaray, presidente do senado, conselheiro Manoel Francisco Corrêa, presidente da camara dos Srs. deputados, conselheiro Joaquim Marcellino de Brito, presidente do supremo tribunal de justiça, e conselheiro de estado, marquez de S. Vicente, viscondes do Rio-Branco, Muritiba, Abaeté e Nictheroy.

A agua benta foi preparada com agua quente pelo medico da imperial camara, o Sr. visconde de Santa Isabel.

Após a cerimonia seguiu-se o *Te-Deum* acompanhado da grande orchestra, sendo a musica deste e do *Tantum ergo* composições do mestre da capella o Sr. Bussemeyer, e da ouvertura, do Sr. Norberto Carvalho, alumno do conservatorio.

POESIAS

Soneto

AO GLORIOSO DIA DOS DE DEZEMBRO, FAUSTO NATALICIO DO NOSSO AUGUSTO IMPERANTE, E SOLEMNE DATA DO BAPTISMO DO SERENISSIMO PRINCIPE DO GRÃO PARÁ.

Do excelso Pedro o dia natalicio
Duas vezes se torna hoje sagrado,
Quiz o céo por favor assignalado
Dal-o a nós com fausto, insigne auspicio.

Deos aos destinos do Brazil propicio,
Ligando o berço ao throno em nó fadado;
Qual do deserto o povo que ha guiado,
Assumio p'ra commesco igual officio.

Salve o nascente sol! Eis mal defeza
A sombra do porvir já testemunha
Das glorias a ti guarda a natureza.

Assomma emfim, o herde que o céo dispunha,
E da jacente herança da grandeza
Romana com mão firme o sceptro empunha.
E. F.

Ao dia 2 de Dezembro de 1873

GLORIOSO ANNIVERSARIO DO FELIZ NATALICIO DE S. M. O IMPERADOR O SR. D. PEDRO II O MELHOR DOS MONARCHAS DO UNIVERSO!

Um povo existe, grande, abençoado,
Um povo, que não sabe o que é baixeza,
E que pelos seus actos de nobreza,
Até do proprio estrangeiro é respeitado.

Approuve o Ser Eterno haver-lhe dado
Um paiz onde brilha a natureza,
O Brazil! esse imperio de riqueza,
Que o faz das mais nações ser invejado.

Além d'essa ventura, que enche o mundo
De assombro, e que em ciume o deixa immenso;
O céo lhe concede o bem mais fecundo!

Esse bem, que hoje canto em fraco verso,
Ei-lo aqui entre nós; — Pedro Segundo,
O melhor dos monarchas do universo.

JOCOSIDADE

O homem e os annos da vida

Quando o Creator sublime viu que a sua criação estava completa e bem completa, chamou perante seu throno o homem, e bem assim todas as creaturas, afim de designar a cada uma sua maneira de viver e o numero de annos que teria de passar na terra. O homem foi chamado em primeiro lugar, e o Eterno lhe disse com voz affavel e benevola:

— Homem, tu és o rei da criação, e por isso só a ti concedo a minha semelhança e a fronte sublime erguida ao céo; pensarás e fallarás, e, graças ao pensamento e á palavra, que unico possuirás, todo o ente vivo será teu inferior e teu vassallo, os animaes das florestas e os dos campos, as aves de rapina e os passaros de ramagem, os peixes da agua e os vermes da terra: reinarás, pois, na criação, e as plantas, as flores, a arvore e seus fructos serão propriedades tuas. O numero dos annos de tua vida e por consequencia do teu reinado será de trinta.

E o homem retirou-se triste e murmurando: — Se eu sou rei da criação, disse elle, se goso do encanto e da ventura de uma existencia real, de que me serve esse curto espaço de trinta annos que me é concedido?

Assim murmurava o homem, invejando os animaes, a alguns dos quaes o Creator dava uma mais longa existencia.

Chegou a vez do burro, e o Creator lhe disse: — Burro, sofrerás todas as sortes de males e de trabalhos, tua anca vergará ao peso dos fardos, tuas pernas tremerão ás chicotadas; não terás descanso nem de dia nem de noite; teu alimento será de espinhos e de cardos, e o numero de teus annos na terra será de cincoenta.

A estas palavras o pobre animal cahiu de joelhos e disse:

— Creador misericordioso! se devo supportar uma vida tão miseravel, se devo nutrir-me só de cardos e espinhos, se a unica recompensa que devo esperar de meus trabalhos incessantes são as vergalhadas que me hão de dar, que quereis que faça de cincoenta annos de existencia? Meu Deus! Meu Deus! pelo menos são vinte annos de mais; tirae-me esses vinte annos.

E o homem avido de vida, atirou-se de joelhos exclamando:

— Oh! grande Deus! dá-me, eu te supplico, os vinte annos que o burro pede que lhes tires.

E o Creador clemente sorriu e concedeu-lhe os vinte annos que elle lhe pedia.

Chegou a vez do cão.

O Eterno disse-lhe:

— Cão, tu guardarás a casa, e serás acorrentado no thesouro do teu senhor; tua responsabilidade tornar-se-ha tão desasocogada que nem mesmo te has de fiar na lua, e latirás á qualquer sombra, até mesmo á tua; has de roer ossos; dar-te-hão pancadas, hão de chamar-te cão, como se teu nome, que representa a fidelidade e a dedicação, fosse uma injuria, e por ultima injustiça será teu pescoço marcado com o sello da escravidão. Quanto ao numero de annos que terás de viver, marco-te quarenta.

E o pobre animal lançou-se de joelhos e supplicou:

— Creador misericordioso! disse elle devo pois supportar uma vida tão miseravel? nada mais farei no mundo do que vigiar os thesouros dos homens? passarei meus dias e minhas noites em uma perpetua desconfiança? ladrarei contra tudo e mesmo contra a lua? e deverei por unica recompensa roer ossos e ser espancado? Então sublime creador, tirae-me ao menos vinte annos de vida, e serás tão misericordioso como és grande.

E o homem, avido de vida, atirou-se de joelhos exclamando:

— Oh! grande Deus! dá-me os vinte annos que o cão supplica que lhe tires.

E o Creador clemente sorriu e concedeu-lhe o que pedia.

Chegou a vez do macaco. O homem tinha aberto a marcha, e o macaco fechava-a.

O Eterno disse-lhe:

— Macaco, tu só serás a semelhança do homem, sem ter-lhe nem o pensamento nem a palavra: além disto serás tímido e infantil; o teu dorso será curvado para a terra; has de ser o brinquedo das crianças e a distracção dos homens. Só terás a viver na terra sessenta annos.

Então o pobre animal cahiu de joelhos e supplicou:

— Creador misericordioso! disse elle, se devo só ter o aspecto do homem, se devo ser medroso e tímido, se devo ser o brinquedo das crianças e a distracção dos homens, oh! então te supplico Deus todo poderoso, tirae-me ao menos metade dos annos que me destinas.

E o homem avido de vida, atirou-se de joelhos terceira vez aos pés do Creador, exclamando:

— Grande Deus! dá-me os trinta annos que o macaco pede que lhe tires.

E o Creador clemente sorriu e concedeu-lhe o que pedia.

E quando todas as creaturas já se tinham retirado para a vida que o Senhor lhes determinára, o homem que ficara por ultimo para obter esse accrescimento de sessenta annos, veio á terra por seu turno.

Então viveu os seus trinta annos de homem como rei da criação, em uma alegre juventude.

Mas quando chegarão os annos de trinta a cincoenta, o homem amassou duramente, e com o suor de seu corpo, o pão nosso de cada dia.

Erão os annos do burro, que elle pedia e que o burro não tinha querido.

E quando, dos trinta aos cincoenta, isto é, durante os annos da vida do burro, elle tem juntado alguma cousa, então deita-se sobre o seu thesouro, desconfia de todos e de tudo, cada sombra lhe é suspeita, e apenas tem appetite para roer alguns ossos.

São esses, dos cincoenta aos setenta, os annos que o homem invejou ao cão e que o Senhor lhe concedeu.

E, se finalmente, elle passa dos setenta annos de vida, o velho perde a razão, seu dorso curva-se, torná-se tímido e infantil, e dá-se como brinquedo ás crianças e aos tolos.

São esses os seus annos de macaco.

A. DUMAS.

Charadas

Nas trevas em que me vejo, 2

Nem assim, chamando-a, vem;

Pois dada aos usos de côrte,

Vota ao *caipira* desdêm! 1

Mas que garbo de pescoço

N'outro tempo eu lhe notava!

E que uso delle fazia,

Quando nos lagos folgava!

Que prazer tem as nações

Quando gozam deste bem! 1

Que prazer tenho, si, enfermo,

Volto á saude tambem! 2

E mais ainda m'expando,

Ouvindo harmonicos sons

De quem, saudoso dos campos,

Corre as escalas dos tons.

Tiburcianas

Dura com duro produz firmeza. 2—1.

Em persico tapete, se deslisa e na estante vê
em Tito Livio, immediatamente, a luta dos Hor-
racios e Curiacios. 1—1.

A sociedade o coração, claramente se en-
trega. 1—1.

Comparei o general romano com Esculapio,
pela sciencia. 2—2.

Decifrações

Das charadas do n. 16, são: *coração, donzella.*

Das tiburcianas: *ventarola, promotor, leque, pétala.*